



LIVRO DE MEMÓRIAS: DIAS DE MARIA. MEMÓRIAS DO CRISTO REI

Allysson Viana Martins¹

Maria Victória Silva²

RESUMO: Este artigo apresenta o processo de criação do livro de memórias sobre o bairro Cristo Rei em Vilhena, interior de Rondônia. Foram selecionadas personagens marcantes do bairro; empreendimentos importantes para o desenvolvimento do local; e violência e estigmatização a partir da percepção de moradores do bairro. O livro registra memórias ao tempo em que reflete sobre elas, a partir de um enfoque centrado em figuras do bairro que, de outra forma, não receberiam espaço na agenda midiática local. Com percepção subjetiva e sob um viés artístico, a partir da autorreflexão da autora, cuja história se cruza com a do bairro, e do contraste com as técnicas jornalísticas tradicionais, apresenta-se uma nova representação para o Cristo Rei.

PALAVRAS-CHAVE: *Jornalismo. Memórias. Cristo Rei. Livro-Reportagem. Vilhena.*

ABSTRACT: This text presents the process of creating the memorial book about the Cristo Rei district in Vilhena, interior of Rondônia. We select characters from the neighborhood; important enterprises for its development; and violence and stigmatization from the perception of residents. The book records memories as much as it questions about them, from a focus on neighborhood figures who would otherwise not be given space in the local media agenda. With a subjective perception and an artistic bias, from the author's self-reflection, whose history intersects with that of the neighborhood, and from the contrast with traditional journalistic techniques, a new representation for the Christ King is presented.

KEYWORDS: *Journalism. Memories. Cristo Rei. Book-report. Vilhena.*

¹ Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor de Jornalismo e coordenador do COMtatos – Grupo de Pesquisa em Espaços e Temporalidades Comunicacionais da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: allyssonviana@gmail.com

² Jornalista e membro do COMtatos – Grupo de Pesquisa em Espaços e Temporalidades Comunicacionais pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: mariavictoria_fs@hotmail.com

Introdução

Rondônia possui dois grandes ciclos responsáveis pela chegada dos imigrantes no estado, um no final do século XIX e no início do século XX, com predominância de nordestinos vindos para trabalhar nos ciclos da borracha, e o outro a partir da década de 1970, com as campanhas do governo militar brasileiro, que buscava ocupar a Amazônia atraindo migrantes principalmente do Sul e Sudeste do país (Colferai, 2010). Foi neste segundo fluxo migratório, em 1997, que surgiu Vilhena, no interior de Rondônia. Atualmente, ocupa o posto de quarto município mais populoso do estado, com cerca de 100 mil habitantes, segundo censo de 2017 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A cidade se localiza na entrada da região Amazônica Ocidental, possui o segundo melhor IDH de Rondônia, com expansão nos setores de indústria, comércio e serviços, além de ser considerada importante pólo agrícola da região.

Com a promessa de criação de mil indústrias na cidade, o Cristo Rei nasceu em meados de 1993. O fato não chegou a acontecer, mas foi o suficiente para que a população crescesse na região. Em 1995, aconteceu a reintegração de posse na fazenda Santa Elina, que ficou conhecida como Massacre de Corumbiara, e as pessoas oriundas do campo viram em Vilhena a oportunidade de estabelecer residência. Na cidade, esses migrantes encontraram pouco apoio, mas foi assim que começou a história do bairro. A ocupação, que se deu sem incentivo do município, de forma desordenada e sem infraestrutura, contou apenas com a vontade daqueles que precisavam das terras.

A história de alguns empreendimentos públicos e privados se encontram com a do bairro. Estigmatizado socialmente na cidade como violento, o livro aqui descrito buscou dar voz a outras histórias e facetas do bairro. “Dias de Maira. Memórias do Cristo Rei”, de modo geral, conta memórias do bairro e da própria autora, refletindo sobre elas e registrando os fatos que ainda não foram abordados. Dessa forma, foi possível evitar os estigmas que formaram o imaginário da população de Vilhena, apresentando uma nova representação para o Cristo Rei, a partir da autorreflexão da autora, cuja história se cruza com a do próprio bairro.

O livro de memórias apresentado busca preencher uma lacuna ainda existente em relação à história da própria cidade, cuja fundação se deu há quarenta anos, e que ainda não possui materiais desse tipo produzidos localmente. O trabalho traz uma reflexão sobre o bairro, alcançando fatores que a imprensa local não pôde, ou não quis, abordar, possibilitando a apresentação de uma diversidade ainda não creditada à Vilhena, a partir da sua história política, econômica e cultura, ao enfatizar personagens e ao possibilitar uma percepção subjetiva e artística, resultados da autorreflexão da autora.

O registro se mostra inovador devido à falta de matérias e reportagens mais completas sobre o bairro, tendo os veículos de comunicação locais se limitado a produzir conteúdos factuais que, quase em sua totalidade, apenas alcançam a editoria de polícia dos jornais, não chegando a trabalhar com outras abordagens jornalísticas. Desta maneira, a produção aqui apresentada, por meio do aprofundamento próprio de um livro-reportagem, demonstra outras representações do bairro, contando uma história que, de outra forma, talvez nunca chegasse a ser conhecida por aqueles que não são moradores do bairro. Trata-se, por fim, de memórias que precisam ser contadas para ampliar os olhares a respeito do Cristo Rei e da própria Vilhena, mostrando outras faces do bairro e da cidade, alcançando sua complexidade e buscando evitar o estigma que há tempos se formou sobre ele e sobre a cidade.

Formação identitária de Rondônia

Formadas a partir dos Projetos Integrados de Colonização (PICs), as principais cidades de Rondônia atraíram imigrantes, principalmente do Sul e Sudeste do país, que se tornaram a elite que busca avançar a infraestrutura urbana dos municípios, com a instalação de crescentes redes de beneficiamento de recursos naturais e agrícolas. Advindas de uma leva migratória incentivada pelo governo militar, aqueles que migravam fugiam da escassez e de conflitos por terras naquelas regiões do Brasil.

Os municípios de Rondônia, localizados ao longo da BR-364, tiveram influência da abertura das Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, coordenada pelo oficial do Corpo de Engenharia do Exército, Cândido Mariano da Silva

Rondon. Das cidades do estado, três tiveram origem e fundação do vilarejo ligada à Comissão Rondon, sendo Vilhena uma dessas (Fiori, 2012). A história do município, cujo nome faz referência a Álvaro Coutinho de Melo Vilhena, amigo de Marechal Rondon e diretor-geral dos Telégrafos, começa oficialmente em 11 de outubro de 1977, com o artigo 47º da Lei nº 6.448, assinado pelo então presidente da República, Ernesto Geisel e teve como primeiro prefeito Renato Coutinho dos Santos, que administrou o município até março de 1980.

Entre os vários motivos que tornam a cidade um local privilegiado, pode-se destacar sua proximidade de cerca de 700 quilômetros da capital de Rondônia, Porto Velho, e da capital mato-grossense, Cuiabá. Como as demais cidades do estado, Vilhena foi fruto das estratégias militares de ocupação da Amazônia, entretanto, apresentou peculiaridades também pelo clima e pelo solo. Vilhena foi transformada em base de apoio para a construção da BR-364 e assim começou a crescer o número de trabalhadores na região. Com as obras da rodovia, foi construída uma pista de pouso para aviões, visando apoiar a abertura da BR-364, dando a Vilhena certa vantagem em termos de desenvolvimento em relação as outras cidades do estado (Fiori, 2012).

Entre os anos de 1964 e 1966, foram instalados, naquela pequena vila, o 5º Batalhão de Engenharia e Construção, um destacamento da Força Aérea Brasileira e um pequeno hospital militar, além da primeira serraria e do início das obras da Embratel. Em 1968, a primeira delegacia de polícia, a Companhia de Água e Esgoto de Rondônia (Caerd) e as Centrais Elétricas de Rondônia (Ceron) também aparecem (Fiori, 2012). Como nas demais cidades do interior de Rondônia, a colonização agrícola de Vilhena começou em 1960 e se consolidou em 1980. A cidade se tornou distrito de Porto Velho em 1969, pelo Decreto nº 565. Em março de 1973, foi nomeado o primeiro administrador distrital de Vilhena, Gilberto Barbosa, época em que o local contava com aproximadamente 800 habitantes.

A população crescia sem que houvesse condições de receber tantas pessoas, o que aumentava as tensões sociais, principalmente em Ariquemes, Ji-Paraná, Cacoal e Vilhena, com esta tida um modelo de ocupação diferente. Por sua terra arenosa, Vilhena não era adequada para as propostas de reforma agrária que norteavam a ação do Instituto Nacional

de Colonização e Reforma Agrária (Incra) em Rondônia, pois o solo não era favorável a pequena agricultura e agricultura familiar. As terras eram destinadas a partir de licitações públicas nacionais, atraindo para a região produtores rurais capitalizados e financeiramente capazes de investir em empreendimentos agrícolas. Com quase 1,6 milhão de hectares distribuídos entre cerca de 1.100 licitantes, a região recebeu um público diferente, o empresário rural, com dinheiro e capacidade de realizar investimentos no agronegócio.

Assim, definiu-se o perfil do homem que ocupou Vilhena, diferente daqueles que se direcionaram as demais cidades do estado (Fiori, 2012). Esses fatores, somados ao intenso fluxo migratório – que garantia a mão de obra barata –, o clima ameno, as riquezas vegetais e o acesso pela BR9-364, fizeram com que a cidade desse um salto nos seus indicadores de desenvolvimento ainda na década de 1990. Em 1995, uma promessa política de que em Vilhena existiriam mil indústrias fez com que a população, vinda principalmente da área rural de cidades do Cone Sul de Rondônia, se agrupasse e aumentasse a ocupação do espaço onde hoje se situa o bairro Cristo Rei. No mesmo ano, aconteceu o conflito agrário na fazenda Santa Elina, que ficou conhecida como Massacre de Corumbiara. Os migrantes, sem terra nos campos da região, viram em Vilhena a oportunidade de estabelecer residência.

Atualmente, Vilhena se apresenta como uma cidade prestadora de serviços e de logística, contando com três avenidas comerciais principais (Major Amarantes, Melvin Jones e Paraná). Desde o início de sua ocupação, a cidade já aparentava aptidão para a logística e prestação de serviços. Pela posição privilegiada e pela terra arenosa e, em um primeiro momento, pouco produtiva, o município se tornou um grande fornecedor para as propriedades rurais e cidades que iam se formando no Cone Sul de Rondônia (Fiori, 2012). O Cristo Rei consolidou-se como bairro, embora sua regularização fundiária ainda não esteja completa, e apresenta-se como fundamental para a manutenção da mão-de-obra em Vilhena.

Jornalismo e livro

O fazer jornalístico ocorre por meio dos mais diferentes gêneros. A produção de notícias cotidiana, por exemplo, estrutura a narrativa de maneira a simplificar um fato aos componentes do lide (Lima, 1993). Para ampliar os acontecimentos, o jornalismo se vale de modalidades como a reportagem, que possibilita um mergulho em profundidade e uma humanização dos relatos, despertando o interesse humano no acontecimento narrado. “Diretamente ligada à emotividade, a humanização se acentuará na medida em que o relato for feito por alguém que não só testemunha a ação, mas também participa dos fatos” (Sodré; Ferrari, 1986: 15).

Um desdobramento da reportagem, o livro-reportagem possibilita ampliar o conhecimento por meio de dados, números, informações e detalhes relacionados, além de apontar causas, consequências, efeitos, repercussões e implicações do assunto. Ele pode ser composto pela compilação de reportagens anteriormente publicadas ou por uma reportagem ampliada própria para a obra. Apesar de tratar-se de um trabalho feito para o livro, distingue-se dos demais tipos por três condições essenciais: conteúdo, tratamento e função (Pessa, 2009). Com uma linguagem jornalística que busca equilibrar o registro formal com o coloquial, possibilita maior liberdade autoral, podendo aproximar-se de uma escrita mais lúdica e literária, como a que fizemos. Essa aproximação não exige os conteúdos de serem providos de veracidade, como uma ocorrência social capaz de situar o leitor sobre o mundo contemporâneo.

O livro-reportagem se apresenta como uma possibilidade de uma “formatação diferente do jornalismo capaz de explorar as contradições sociais”. Os jornalistas-autores se posicionariam, assim, não só contra o jornalismo tradicional, mas, também, em oposição a “todos os demais instrumentos ‘oficiais’ de produção de sentido” (Maciel; Heitor, 2016: 10).

O jornalismo define para a maior parte das pessoas quais fatos significativos estão acontecendo; mais do que isso, oferece interpretações de como compreender esses acontecimentos (Maciel; Heitor, 2016). Para alcançar a complexidade das temáticas existem diversos tipos de livros-reportagens, conforme Lima (1993), entre eles tem-se o

livro-reportagem-retrato, semelhante ao livro-reportagem-perfil, porém, focaliza não uma figura humana, mas sim uma região geográfica, um setor da sociedade. O livro-reportagem-retrato foi o estilo utilizado para a composição do nosso livro de memórias.

Memórias

A identidade individual e coletiva tem como elementos essenciais a história e a memória de sociedades e indivíduos. Segundo Le Goff (2013), o termo história pode referir-se a dois aspectos: a ciência histórica e os acontecimentos passados. A história pode ser compreendida como uma compilação de fatos que tiveram maior repercussão na memória dos homens, isto é, aqueles que foram mais lidos, ensinados e tiveram grande penetração nas diversas instâncias sociais. A história busca conhecer as ações realizadas pela humanidade e lança seus esforços para se estabelecer como ciência histórica. Como registro da história nacional, elabora, através de uma periodização, o resumo dos acontecimentos mais importantes da vida de uma nação e se difere das histórias locais, uma vez que apresenta apenas os fatos que interessam, genericamente, a todos os membros do país ou grupo (Halbwachs, 1990).

31

Para registrar as ações humanas, a história se vale de documentos, além de depoimentos, para comprovar como se deu o acontecimento estudado. Como todo texto, os documentos carregam em si subjetividades próprias daquele que o produz, isto é, nenhum documento é isento de ideologias e concepções de mundo. Além disso, não apenas os documentos produzidos, registrados e conservados, os silêncios na história também dizem muito, pois são lacunas que devem ser estudadas a fim de compreender por que aquele espaço está em branco, quais as questões que foram esquecidas e silenciadas naquela história e por quais motivos. Assim, a história se faz tanto pela presença quanto pela ausência de documentos e arquivos. A história do bairro Cristo Rei não possui muitos documentos que permitam conhecer mais a fundo e por outro ângulo como se deu o início da ocupação do espaço. Essa lacuna na história da cidade reflete a realidade de tantos outros vazios que ainda não foram preenchidos. As falas daqueles que chegaram primeiro ao bairro tornam-se, nesse caso, a principal fonte pela qual foi possível contar parte da história do local e das memórias desses personagens.

As memórias surgem como elementos componentes da história, embora não existam somente em função dela, e na vida humana se manifestam como possibilidade de acesso a impressões de coisas que já aconteceram. “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (Le Goff, 2013: 366). Feita de lembranças e de esquecimentos, trata-se de um fenômeno sempre atual, por natureza múltipla, plural e coletiva. Apesar de ter o aspecto coletivo, a memória é individualizada, embora seja um individual que se insere em um contexto social e coletivo (Nora, 1993). Ela aparece como uma das formas de consolidação da identidade coletiva e comunitária, com as cidades se tornando arquivos urbanos cheios de histórias com os quais convivemos e de onde tiramos memórias individuais e coletivas.

Essa importância na consolidação da identidade individual e coletiva da memória se estabelece porque, como destaca Halbwachs (1990), mesmo um indivíduo sozinho é apanhado por forças sociais que atuam sobre ele e fazem com que nunca esteja, de fato, só. As suas lembranças são apoiadas nas de outros e nos grupos sociais nos quais está inserido, como família, escola, igreja, entre outros. Desta maneira, as memórias se organizam de duas formas ao se considerar suas individualidades e coletividades, podendo “ora se agrupar em torno de uma pessoa definida, que as considere de seu ponto de vista, ora distribuir-se no interior de uma sociedade grande ou pequena, de que elas são outras tantas imagens parciais” (Halbwachs, 1990: 53). As memórias dos moradores, e da própria autora, do bairro Cristo Rei consolidam-se como memória coletiva enquanto é possível perceber, através das suas recordações, pontos em comum que fazem com que essas memórias se apoiem umas nas outras.

A memória coletiva envolve as memórias individuais, porém não se confunde com elas (Halbwachs, 1990). É possível perceber, mesmo nas memórias que parecem mais individuais, traços sociais, como a data de nascimento, que embora o próprio indivíduo nem mesmo se lembre do dia, é comemorado ano após ano e incrementado com lembranças de outros que se recordam pelo aniversariante. A memória pode ser atribuída a grupos, composta a partir de seus membros, cujas lembranças se apoiam umas nas

outras, mas, ainda que coletivas, são formadas também pelas memórias individuais de cada integrante, ou de uma parte deles. Dessa forma, memórias individuais e coletivas estão intimamente relacionadas (HALBWACHS, 1990).

É possível criar um engajamento e manter vivas as lembranças relacionadas àquele grupo principalmente quando permanece a identificação. Para que a memória possa usar a de outros como auxílio, é necessário que as memórias que ali circulam não tenham deixado de ter vários pontos de contato entre as memórias individuais dos integrantes, porque desta forma as lembranças podem ser reconstruídas sobre um fundamento comum. A harmonia, nesse sentido, é essencial para que as oposições individuais se silenciem em prol do grupo, criando uma memória mais unificada, com maiores identificações entre as diversas perspectivas. E mesmo essa memória pode mudar com o tempo, pois, desde que se conserve uma parte limitada de lembrança, ela pode em algum momento fazer parte da consciência de um grupo.

A coesão dos grupos é mantida pela referência ao passado, que é continuamente deformado e interpretado pelo presente, muitas vezes com lembranças proibidas, indizíveis ou vergonhosas que são guardadas e passadas adiante informalmente, despercebidas da sociedade em geral (Pollak, 1989). Nesses casos, ao contrário de levar ao esquecimento, o tempo contribui para reforçar o ressentimento dos subjugados, que esperam o momento de se expressar e quebrar o silêncio. O livro “Dias de Maria. Memórias do Cristo Rei” articula memórias individuais e coletivas, através de memórias individuais da autora e dos entrevistados que, juntas, representam e compõem a memória coletiva dos moradores do bairro. As individualidades dos personagens apresentados no produto são sempre atravessadas pelos fatores sociais que a região onde moram suscita nos demais moradores da cidade de Vilhena, por isso, diversas vezes prefere-se o silêncio à exposição, sendo o livro uma forma de se expressar.

A memória, em âmbito individual e coletivo, constitui-se por lembranças e esquecimentos. Para Halbwachs (1990), lembrar é, em certa medida, reconstruir o passado por meio de dados emprestados do presente e da apropriação de relatos e depoimentos de outros. Por isso, muitas vezes acreditamos ter uma lembrança guardada fielmente em nossa memória, quando na verdade ela foi criada sobre as lembranças de

outros, como acontece com muitas recordações de infância e de grandes acontecimentos sociais. Desta forma, as lembranças de um se juntam a de outros e podem confirmar ou mesmo mudar uma recordação que antes parecia formada e conformada. Mesmo quando vividas por apenas uma pessoa, as lembranças possuem um caráter coletivo, já que o social alcança o homem, englobando-o em grupos e fazendo com que as lembranças de outros se juntem e componham o quadro do que aconteceu.

Lembranças reais e fictícias podem se juntar e as imagens de pessoas, lugares e acontecimentos não param de mudar, uma vez que, com o passar do tempo, algumas impressões se sobressaem enquanto outras se apagam, isso não transforma, contudo, as recordações em ficções, isto é, em imaginações (Halbwachs, 1990). Impedidas, esquecidas, silenciadas ou apagadas, o fato é que as lembranças do passado se alteram ou saem de cena conforme o tempo avança.

Em oposição à recordação, manifestam-se, além do esquecimento, os silenciamentos, as zonas de “não-ditos”. Os silêncios podem ser moldados pelo medo de punição ou de exposição por aquilo que se diz ou pela impossibilidade de encontrar “escuta” para aquilo que se quer expor (Pollak, 1989). O livro de memórias produzido apresenta-se como uma escuta para as memórias dos entrevistados, que nunca antes tiveram a oportunidade de contar essas partes de suas vidas, já que os veículos de comunicação locais limitam-se a representar o bairro apenas como um local violento.

“Memória oficial”, no caso a memória nacional. (...) acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional. Por outro lado, essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa (Pollak, 1989: 4).

As zonas de sombra, por assim dizer, não são definitivas e estão em contínuo deslocamento. Às razões políticas do silêncio somam-se motivos pessoais, como o desejo de esquecer memórias traumáticas ou constrangedoras para retornar à vida ordinária, que fazem com que as lembranças tidas como comprometedoras sejam guardadas em silêncio durante anos. A motivação pode ser ainda a impossibilidade de se fazer compreender e ser aceito em determinado grupo social, pois “o silêncio sobre si próprio – diferente do

esquecimento – pode mesmo ser uma condição necessária (...) para a manutenção da comunicação com o meio-ambiente” (Pollak, 1989: 13).

Esses silenciamentos perduram até que existam “escutas” na sociedade, passando de geração em geração, desenvolvendo essas memórias transgeracionais, até que possam emergir. A partir das entrevistas, feitas para o livro, com minha avó e meu pai, tive acesso a memórias de momentos que eu conhecia, mas não tinha detalhes de como haviam acontecido. Descobri novas nuances nas histórias das vidas deles, de situações difíceis e decisivas pelas quais passaram. Provavelmente, caso o livro não fosse escrito, essas memórias permaneceriam guardadas até que eles encontrassem o momento de passá-las adiante.

Essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amigas, esperando a hora da verdade (Pollak, 1989: 5).

Produção do livro

Na introdução do livro são apresentados assuntos que seriam abordados e informações sobre a infância da autora, que a tornam apta a narrar uma história sobre o bairro Cristo Rei como moradora, definindo-a também como participante da história em diversos momentos, como nos capítulos 1, 2 e 3. Para contextualizar o leitor sobre o bairro, optamos por iniciar com um capítulo sobre a história do Cristo Rei, em forma de história em quadrinho, com as informações obtidas com todos os entrevistados dos capítulos posteriores. Portanto, foi o último a ser produzido.

O principal critério para a seleção das fontes do capítulo 3, que trata sobre personagens do bairro, foi a quantidade de tempo que o entrevistado vive nele e a sua inserção com a comunidade. Os empreendimentos escolhidos para serem apresentados no capítulo 2 do livro também tiveram como principal critério de seleção o tempo em que foi construído e seu atrelamento ao bairro, mas foi levado em consideração também como o lugar faz parte da vida do bairro, ajudando a compor as formas de identificação com o

local. As entrevistas em todos os capítulos do livro foram realizadas tendo como critério o diálogo com as pessoas e gravadas para posterior transcrição.

A ideia do último capítulo do livro surgiu em uma disciplina realizada anteriormente, de Comunicação Comunitária, em que foi feito um *podcast* com um debate com 7 moradores, em que foram lançados apenas temas, como polícia, educação, política e emprego, a partir dos quais os convidados podiam expor suas opiniões sobre como esses assuntos são refletidos no bairro. Parte do material foi aproveitado, sendo realizada apenas mais uma tarde de enquete na feira de rua do Cristo Rei, seguindo a mesma estrutura do *podcast*, para compor a miscelânea de comentários dos moradores. Após a transcrição de falas, foram selecionadas aquelas que representaram visões mais vezes citadas por todos os entrevistados, evitando assim que o texto se tornasse repetitivo, além das falas que traziam acontecimentos mais distintos e únicos.

O processo de escrita exigiu o equilíbrio entre o coloquial e o formal. Durante as entrevistas para os capítulos 2 e 3, foram solicitadas aos entrevistados fotografias antigas que pudessem ilustrar a história, recordar os momentos pelos quais os personagens passaram. As fotografias escolhidas foram aquelas que melhor retratavam o assunto no texto e, em segundo lugar, que possuíam melhor enquadramento, iluminação e aspectos técnicos que facilitassem a compreensão do leitor. Optou-se pela utilização de fotos atuais apenas ao final de cada um dos perfis para que o leitor pudesse visualizar como estão atualmente as pessoas que contam a sua história. Em outros momentos, priorizamos fotos de arquivo e ilustrações que ajudassem a representar a narração.

As ilustrações foram feitas ao longo do processo de escrita, após as entrevistas. As imagens antigas cedidas pelos entrevistados serviram para basear as ilustrações, porém, a maior parte dos desenhos foi feita apenas com as informações verbais passadas pelos entrevistados. Parte dos desenhos foi feita em preto e branco, ou em negativo, e a parte colorida foi feita em aquarela. Foram utilizados diversos estilos de desenho diferentes, como técnicas de história em quadrinho, *Mangá* e desenho realista, com cores variadas, para compor o que parecia se encaixar melhor em cada parte do texto. Todas as ilustrações foram feitas à mão e em seguida escaneadas, tendo edições, pelo programa

Paint; apenas em quatro imagens se optou pelo efeito em negativo, além da imagem que compõe a capa do livro, editada no aplicativo de celular *LightX*.

Projeto gráfico e finalização

O livro de memórias “Dias de Maria. Memórias do Cristo Rei” foi concluído e apresentado em PDF no formato 14 x 21 cm, com 101 páginas. A diagramação foi feita no software de edição de livros, *Adobe Indesign2015*, pela própria autora. As fontes, tamanhos e cores buscaram compor uma estética agradável, porém dando prioridade à fluidez da leitura. No corpo do texto, utilizou-se a fonte *Georgia*, tamanho 12; nos intertítulos, citações e identificação dos entrevistados, foi utilizada a fonte *Antonio*, tamanho 14, variando apenas as tonalidades de preto, entre 100, 75 e 50%. Nas primeiras páginas de cada capítulo e introdução, foi usada a fonte *Chiller*, tamanho 36, na cor branca sobre fundo preto.

Na capa, foi utilizada uma ilustração da autora (ver Figura 1), representando uma menina negra chegando ao bairro, passando pelo cemitério e por uma casa com painéis e remédios à mostra. A personagem da capa caminha por uma avenida e avista ao longe a feira e uma igreja. O desenho tem como objetivo mostrar ao leitor a necessidade de se percorrer um caminho para de fato conhecer o bairro, em suas nuances e faces ainda escondidas do público em geral.

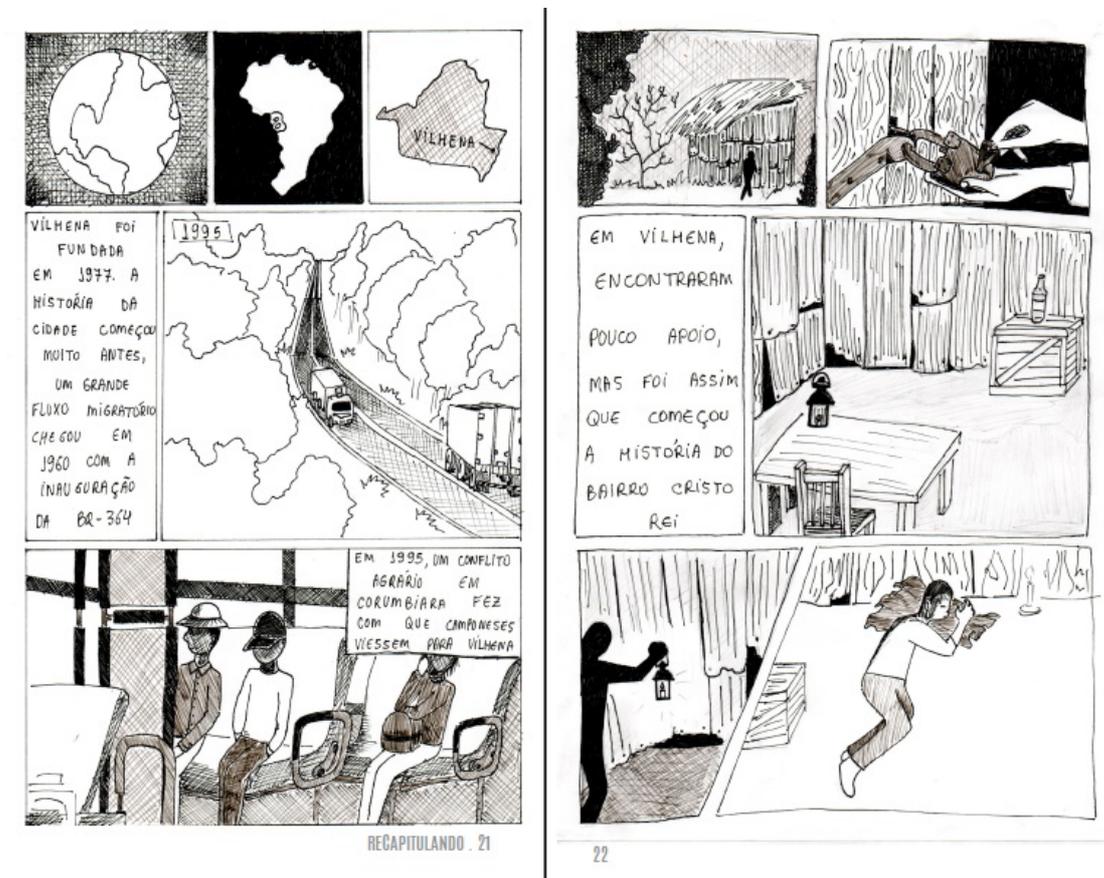
Figura 1 – Capa do livro e sumário ilustrado



Fonte: Elaboração própria

Todas as páginas possuem o nome do capítulo nas páginas ímpares, junto ao número da página. Na introdução, são apresentadas informações sobre a infância e adolescência da autora, além dos assuntos abordados no livro, definindo também a narradora como participante da história nos momentos que se seguem. O primeiro capítulo apresenta uma breve retrospectiva sobre o início do bairro, por meio de uma história em quadrinhos (ver Figura 2). No segundo capítulo, são apresentados locais conhecidos do bairro, escolhidos por sua relevância nas memórias da autora, seja pela quantidade de tempo que passou neles, pela época em que foram criados, ou pelo que representam para a identidade do bairro.

Figura 2 – História em quadrinhos sobre a história do bairro



Fonte: Elaboração própria

As ilustrações que compõem essa parte do livro são coloridas, pintadas em aquarela, com tons predominantes de azul, preto e roxo, a exceção de uma das ilustrações

que tem predominância da tonalidade laranja. Já o capítulo 3 traz perfis de personagens importantes do bairro, seja por suas peculiaridades ou por terem chegado ao local no início da formação do Cristo Rei, todos com contato em algum momento com a autora. Os capítulos 2 e 3 contaram com fotos digitalizadas, do acervo pessoal dos perfilados, mescladas com os desenhos da autora (ver Figura 3). Já o último capítulo apresenta a perspectiva daqueles que moram no bairro sobre variados temas, são eles: estigmatização; polícia; educação; emprego; finalizando com a esperança de um morador do Cristo Rei.

Figura 3 – Fotografia e desenho da própria foto no livro



Fonte: Arquivo pessoal e elaboração própria

Considerações finais

O livro apresentado teve como proposta registrar memórias do bairro Cristo Rei, em Vilhena. Ele foi baseado no livro-reportagem-retrato e buscou a liberdade narrativa e o aprofundamento ao tratar das memórias dos moradores do bairro e da própria autora, entrelaçando memória individual e coletiva, sob uma perspectiva subjetiva e artística. Ao refletir sobre o estigma por trás do bairro, o livro teve como enfoque as personagens que

não se enquadram nas representações midiáticas locais sobre o Cristo Rei e os seus moradores. A partir de percepção subjetiva, com viés artístico e autorreflexões da autora, foi possível apresentar uma miscelânea de memórias individuais que formam a memória coletiva do bairro e criam a identidade de quem mora no local. Para a realização do trabalho, foram utilizadas técnicas jornalísticas de seleção de fontes, escrita de perfil, princípios de reportagem, entrevista, entre outros.

Com os conceitos teóricos de memória e os fluxos migratórios que compõem a cidade de Vilhena, foi possível realizar o proposto ao livro. Ao entender a importância das memórias individuais e coletivas que envolvem o bairro Cristo Rei, e de onde vieram os primeiros migrantes, foi possível lançar um olhar livre de preconceitos e pronto a captar o que os moradores tinham a oferecer. Os conceitos jornalísticos, critérios e técnicas auxiliaram nos processos de captação, produção e edição, evitando excessos, priorizando informações e construindo o tom do texto. Ao final, foi produzido um livro que atendeu a intenção inicial, com estética livre das fórmulas prontas do jornalismo cotidiano e espaço para as perspectivas dos personagens. O produto final difere das produções jornalísticas da cidade sobre o bairro, uma vez que permitiu aos próprios moradores contarem suas histórias.

Referências

- COLFERAI, Sandro. “Imigração e identidade cultural: a representação de uma identidade preferencial no interior de Rondônia”. In: **Anais da Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação (BOCC)**, v. u, p. 1-15, 2010.
- FIORI, Marcus. **Olhares sobre a colonização**: O colonialismo manifesto na ocupação de Vilhena. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente). Porto Velho: Fundação Universidade Federal de Rondônia, 2012.
- HALBWACHS, Michel. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1950.
- LAGE, N. L. ESTRUTURAS DE TEXTOS MIDIÁTICOS. In: **Anais do 13o. Congresso Brasileiro de Leitura do Brasil/IV Encontro sobre mídia, educação e leitura**, 2001, Campinas. Anais do 13o., 2001. v. CD-ROM. p. 1-11.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7ª edição revista. São Paulo: Unicamp, 2013.

LIMA, Edvaldo. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

MACIEL, Alexandre; HEITOR, Rocha. **Ângulos Plurais: Livro-reportagem, Compromisso Público e Autonomia Jornalística.** In: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2016, Caruaru. Anais XVIII Intercom, 2016.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível.** São Paulo: Ática, 1995.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, nº 10, 1993 [1984].

PESSA, Bruno. **Livro-reportagem: o que é, para quê, como se faz?.** 2009

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, nº 3, p. 3-15, 1989.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística.** São Paulo: Summus, 1986.